

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIANA TEIXEIRA MENDES TORRES

**Considerações sobre a teoria do método psicanalítico  
de Franklin Goldgrub**

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

JULIANA TEIXEIRA MENDES TORRES

**Considerações sobre a teoria do método psicanalítico  
de Franklin Goldgrub**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Júnior

SÃO PAULO

2014

*O método psicanalítico (...) visa a precisão mais do que a abrangência e a isenção mais do que o furor sanandis.*

*Uma pequena anedota pode metaforizar as alternativas em questão. Conta-se que em certa cidade do interior um surto de desenvolvimento acelerado atraiu artesãos, entre eles alfaiates. Uma atrás da outra, suas oficinas foram ocupando a rua principal, que permanecia a única asfaltada do lugar. O último a chegar deparou com os slogans de seus concorrentes: “o melhor do bairro”, “o melhor da cidade”, “o melhor da região”, “o melhor do estado”, “o melhor do país”, “o melhor do mundo”, “o melhor do universo”. Escreveu então em seu cartaz: “o melhor da rua”.*

Franklin Goldgrub

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a teoria do método psicanalítico proposta por Franklin Goldgrub no livro “A Metáfora Opaca”. Em sua obra, o autor dialoga com seus precursores, principalmente Freud, Lacan e Melanie Klein, investigando o lugar ocupado pela teoria do método nas formulações de cada um deles. Sua conclusão é de que, se por um lado a teoria do sujeito foi extensamente desenvolvida ao longo da história da psicanálise, por outro, a questão do método pareceu estar em segundo plano. O primeiro capítulo estabelece a distinção proposta por Goldgrub entre a teoria do sujeito e a teoria do método; no segundo capítulo, caracteriza-se a questão da transferência. O capítulo seguinte tem como objetivo esclarecer a concepção do autor sobre o discurso; no quarto capítulo, explora-se o conceito de interpretação, e, por fim, o último capítulo teórico diz respeito às considerações sobre o Complexo de Édipo, uma vez que a teoria do método desenvolvida pelo autor se embasa na própria teoria do sujeito. Uma das principais formulações de Goldgrub é a respeito da estrutura metafórica do discurso. A partir dessa concepção, o autor expande a possibilidade interpretativa a diversas produções culturais, como mitos e filmes. Assim, ao final do trabalho, realizo um exercício interpretativo sobre o filme “Dente Canino”. Por fim, algumas reflexões são propostas no sentido de indagar quais seriam investigações possíveis de serem desenvolvidas a partir das contribuições de Goldgrub à teoria psicanalítica.

Palavras-chave: Goldgrub, teoria do método, psicanálise, discurso, interpretação, metáfora

## SUMÁRIO

Introdução.....	p. 01
1. Teoria do Sujeito x Teoria do Método.....	p. 05
2. A Transferência.....	p. 09
3. O Discurso.....	p. 12
4. A Interpretação.....	p. 19
5. O Édipo Estrutural.....	p. 22
6. Exercício Clínico: interpretação do filme “Dente Canino”.....	p. 24
Considerações Finais.....	p. 28
Referências Bibliográficas .....	p. 32
Anexos.....	p. 34

## Introdução

O autor brasileiro Franklin Goldgrub, professor titular do curso de psicologia da PUC-SP, é psicólogo, historiador, mestre em filosofia, doutor em linguística e psicanalista clínico. Autor de diversos livros sobre a teoria psicanalítica, Goldgrub faz uma revisão minuciosa das obras de Freud, Lacan e outros teóricos da área, além de desenvolver uma abordagem própria e original. Seu texto é extremamente rigoroso, porém de leitura fluida em função da qualidade, precisão e bom-humor do autor.

A questão sobre a qual repousa a produção de Goldgrub diz respeito à teoria do método. Segundo o autor, desde Freud, a psicanálise progrediu e se desenvolveu profundamente no que concerne à teoria do sujeito. Por outro lado, a teoria do método permaneceu atrofiada, uma vez que nenhum teórico, nem mesmo o precursor da psicanálise, dedicou-se à fundamentação teórica do método psicanalítico.

Este trabalho debruça-se mais especificamente sobre um dos livros do autor, chamado “A Metáfora Opaca” (Goldgrub, 2008). No texto, Goldgrub retorna às produções de Freud, Lacan e Melanie Klein no tocante ao método. Em primeiro lugar, retoma o que o criador da psicanálise chamou de “regra fundamental”: no trabalho clínico, o paciente deveria falar qualquer coisa que lhe ocorresse, enquanto o analista escutaria seu discurso como um todo, sem nenhum tipo de seleção.

A técnica, contudo, é muito simples. (...) Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ (como a denominei) em face de tudo o que se escuta. (...) Ver-se-á que a regra de prestar igual reparo a tudo constitui a contrapartida necessária da exigência feita ao paciente, de que comunique tudo o que lhe ocorre, sem crítica ou seleção (Freud, 1912, p.149)

Em psicanálise, os conceitos de associação livre e atenção flutuante são corriqueiros. Porém, segundo Goldgrub (2008), as diferentes abordagens apresentam tamanha discrepância em relação ao método que o questionamento sobre a possível falta de rigor metodológico entra em debate.

Em “A Interpretação dos Sonhos” (1900), Freud desenvolveu o que poderíamos chamar de método interpretativo psicanalítico. A partir do relato do sonho, se a regra fundamental fosse mantida, seria possível ao psicanalista aferir o sentido inconsciente do sonho e transmiti-lo ao paciente. O que Goldgrub acrescenta é que “a interpretação

do sonho é, antes de mais nada, a interpretação do relato do sonho” (Goldgrub, 2008, p. 45). O autor aponta que, portanto, o método interpretativo freudiano seria a principal ferramenta de trabalho, não só no que diz respeito aos conteúdos oníricos, mas também a toda e qualquer produção discursiva na clínica.

Dessa forma, Goldgrub (2008) teoriza sobre o sentido do discurso como contrário à busca pela causa dos conflitos. A argumentação defendida pelo autor, que será exposta ao longo do trabalho, justifica de que forma a atribuição de sentido renuncia à procura da origem - que, em última instância, seria impossível de encontrar - e, portanto, à teoria do sujeito.

A partir de sua tese, o autor criticará todas as abordagens (principalmente as de Melaine Klein e Jacques Lacan) que, segundo ele, privilegiam no contexto da clínica qualquer tipo de conteúdo, em detrimento do conjunto das associações livres, isto é, do discurso como um todo. Para Goldgrub (2008), esse tipo de prática – que o autor não hesita em considerar um equívoco – estaria amparado na interferência da teoria do sujeito na teoria do método.

Talvez Goldgrub tenha sido o primeiro dentre os sucessores de Freud que se propôs a encarar a árdua tarefa de rastrear o que foi produzido anteriormente sobre o método psicanalítico para assim consolidar, finalmente, uma teoria bem fundamentada sobre o mesmo. Pode-se dizer que o autor foi bem-sucedido em sua trajetória, uma vez que, de fato, desenvolveu habilmente uma abordagem original sobre o assunto.

Em “A Metáfora Opaca”, Goldgrub (2008) apresenta duas dimensões do discurso, as quais chamou de “metáfora transparente” e “metáfora opaca”. Ambas seriam intrínsecas às enunciações, uma vez que o autor aponta o caráter metafórico da linguagem. Porém, o desvendamento da opacidade do discurso seria a caracterização do trabalho clínico, isto é, a interpretação.

Finalmente, Goldgrub (2008) amplia a noção de interpretação a outros tipos de produções culturais, como filmes, mitos e obras artísticas que envolvam alguma produção discursiva. Em “A Metáfora Opaca”, o autor interpreta mitos e filmes, além de transcrever algumas sessões psicanalíticas devidamente modificadas (anexo 2), extraídas de sua prática profissional.

No presente trabalho, pretendi realizar um estudo interpretativo, no qual, a partir da metodologia proposta por Goldgrub, interpretei o filme “Dente Canino” (2009). Para

cumprir tal tarefa, o estudo consistiu em duas etapas: em um primeiro momento, assisti várias vezes ao filme, a fim de me familiarizar com a trama. Na última vez em que o fiz, escrevi aquilo que me veio à mente ao longo da narrativa, sem grandes preocupações em relação à reconstituição de seu conteúdo, a fim de produzir um discurso equivalente às associações livres proferidas em uma sessão psicanalítica. Em seguida, ao ler as anotações com uma atitude próxima à da atenção flutuante, busquei interpretá-las, na tentativa de atribuir a elas certo sentido. Esse exercício, cujos moldes foram propostos pelo próprio Franklin Goldgrub durante conversa informal, teve como objetivo vivenciar uma experiência próxima à da clínica psicanalítica, na qual seria possível transitar entre os dois papéis deste dispositivo: o do sujeito do discurso (paciente) e o daquele que escuta (analista).

Por fim, cabe justificar a escolha desse filme específico. Vale sublinhar que “Dente Canino” não é um filme que produz – e nem parece ter esse objetivo - qualquer sensação agradável quando assistido pela primeira vez, quiçá nem mesmo após ser revisto inúmeras vezes. Além de produzir desconforto, não parece ser uma obra que permita que seu espectador reconheça qualquer tipo de familiaridade ou identificação com sua trama e seus personagens, e talvez por isso seja tão incômoda. Em diversos momentos o filme perturba, sendo de difícil digestão. Penso que “Dente Canino” é uma produção cujo gênero poderia ser definido como “bizarro”. A escolha por essa obra tem como objetivo justamente provocar essa sensação de encontro com o desconhecido, com o lugar incomum, com o estranho; ao mesmo tempo, a impossibilidade catártica de ser penetrado pela trama no sentido emocional – uma espécie de distância brechtiana – constitui certo tipo de blindagem ao risco de se chegar a conclusões fáceis, para que o resultado deste exercício clínico-interpretativo seja, em última instância, genuíno - isso se esse desejo não for pretensioso ou ingênuo.

Assim, os capítulos são estruturados em cinco temas teóricos gerais: primeiramente, a discussão sobre a teoria do método e a teoria do sujeito é imprescindível para dar início ao mapeamento da teoria de Franklin Goldgrub. Em seguida, no segundo capítulo, o enfoque é voltado à transferência, conceito de extrema importância para a psicanálise: qual seria seu lugar segundo a teoria do autor? No terceiro capítulo, o debate gira em torno do discurso: qual a concepção discursiva de Goldgrub? Quais os pontos de aproximação e distanciamento do autor

em relação aos outros pós-freudianos? Prosseguindo, o capítulo seguinte tem como tema central a questão da interpretação: como caracterizá-la? Como e o que se interpreta? Por último, debrucei-me sobre o conceito que fundamenta, em última instância, o cerne do pensamento de Goldgrub: sua concepção estruturalista sobre o Complexo de Édipo (e sobre a própria teoria psicanalítica como um todo). É possível pensá-lo em um sentido amplo, para além do apaixonamento e da rivalidade em relação às figuras parentais? Quais as consequências práticas de um novo olhar sobre a teoria do sujeito?

As questões anteriores devem ser respondidas ao longo do trabalho. Após os apontamentos teóricos, o capítulo seguinte destina-se ao exercício interpretativo sobre o filme “Dente Canino”. Por último, as considerações finais têm como objetivo caracterizar, afinal, no que consiste a teoria do método segundo Goldgrub, quais suas implicações na prática clínica e quais apontamentos podem ser feitos a seu respeito em relação à questão ética no trabalho psicanalítico.

## **1. Teoria do Sujeito X Teoria do Método**

Em seu livro “A Metáfora Opaca”, Goldgrub (2008) problematiza uma questão essencial para o exercício da psicanálise enquanto prática clínica: a inexistência de um consenso sobre a teoria do método psicanalítico, apontando ainda um contraste entre o desenvolvimento da teoria do sujeito e a estagnação da teoria do método. Ao retomar a obra freudiana, o autor menciona a descoberta da transferência como um fato essencial para o desenvolvimento da teoria do sujeito, ao mesmo tempo em que seria uma das causas do “desvio” da teoria do método da associação livre e da atenção flutuante por parte de muitos psicanalistas, que, ao permitirem o atravessamento da teoria na prática clínica, voltaram toda a atenção à relação psicanalista-paciente, superpondo-se à interpretação. Em suma, a tese de “A Metáfora Opaca” sugere que, nas palavras do autor, “a falta de consenso sobre o método decorre em grande medida da inexistência de uma definição de interpretação” (Goldgrub, 2008, p.53).

Goldgrub prossegue afirmando que em “A Interpretação dos Sonhos” Freud dá início a um esboço do método para o exercício da psicanálise, criando uma “regra fundamental”: a associação livre, por parte do paciente, e a atenção flutuante, por parte do analista. A partir desta regra, o analista poderia interpretar os sonhos de seus pacientes. Porém, em nenhum momento Freud define rigorosamente o conceito de interpretação, o que se mostra um problema, uma vez que as diversas correntes psicanalíticas possuem enormes discrepâncias em termos práticos, evidenciando, no mínimo, uma falta de rigor e consonância quanto ao método.

A partir da pontuação de Freud de que

quem fosse capaz de interpretar os próprios sonhos poderia ser considerado apto a ocupar a poltrona de escuta, acrescentando a exigência (...) de que todos os que desejem efetuar análises em outras pessoas terão primeiramente de ser analisados por alguém com conhecimento teórico (Freud citado por Goldgrub, 1912/2008, p.53)

Goldgrub sublinha, em primeiro lugar, que “a capacidade de interpretar os próprios sonhos aponta para a questão metodológica, já que interpretar os próprios sonhos não é senão, pura e simplesmente, interpretar” (Goldgrub, 2008, p.54). Em seguida, o

autor levanta um novo problema: o fato de que, em primeiro lugar, a análise pessoal, condição necessária, estaria ocupando o lugar da proficiência metodológica, enquanto esta seria, inversamente, colocada como condição suficiente. Além disso, Freud não define o que é, afinal, “conhecimento técnico”, nem explicita como apreendê-lo. Goldgrub ressalta ainda que o “tempo de divã” ser mais valorizado que o domínio do método constitui um risco de que a ordenação psicanalítica seja idêntica à iniciação xamânica, como apontou sarcasticamente Lévi-Strauss.

Mais adiante, o autor de “A Metáfora Opaca” apresenta a ideia de que Freud em “A Interpretação dos Sonhos” descobriu o método interpretativo através da associação livre e da atenção flutuante por meio de sua prática, ou seja, a partir de sua experiência empírica. Porém, segundo ele, a lacuna da fundamentação teórica do método permanece presente. Nas palavras do autor:

como aconteceu tantas vezes na história do conhecimento, a experiência auspiciou uma prática antes da compreensão de suas condições de possibilidade. A dificuldade de pavimentar teoricamente sobre a via real para o inconsciente e a descoberta do atalho transferencial somaram forças no sentido de adiar a incômoda tarefa (Goldgrub, 2008, p. 54).

Para Goldgrub (2008), em relação ao objeto da escuta psicanalítica, a regra fundamental segundo a qual o psicanalista corresponde com atenção flutuante à associação livre do paciente evidencia o discurso como “matéria-prima” da interpretação, e não qualquer elemento de seu conteúdo. A partir deste ponto, o autor faz uma clara distinção entre análise de conteúdo e busca de sentido.<sup>1</sup>

Ao discorrer sobre a análise de conteúdo, Goldgrub (2004) afirma que esta privilegia determinados aspectos do discurso em detrimento de outros, configurando assim uma situação na qual o psicanalista hierarquizaria em termos de importância os temas trazidos pelo paciente em análise. Isso significa, por exemplo, que se o analisando trouxesse temas de sua infância para a sessão, o psicanalista daria mais atenção para esse aspecto do discurso, enquanto, se a fala se direcionasse a elementos como a decoração do consultório ou qualquer outro assunto aparentemente banal, poderia ser considerado como resistência. Isso porque, segundo o autor, “essa abordagem conteudista continua governando a prática clínica

---

<sup>1</sup> Os grifos apontados daqui em diante são meus.

após a descoberta da sexualidade infantil e ainda permanece ativa nos bastidores quando o Édipo entra em cena” (Goldgrub, 2008, p. 70). Goldgrub aponta essa classificação do conteúdo em ordem de relevância como um erro cometido por muitos psicanalistas, uma vez que isso nada mais é do que a interferência da teoria na clínica.

Para o autor, a análise de conteúdo ainda se caracteriza por um procedimento de “busca por uma causa”, isto é, o trabalho analítico seria uma pesquisa pela origem dos sintomas do paciente: “a pergunta pela etiologia caracteriza a prevalência da significação (isto é, do caráter referencial do discurso) sobre seu sentido” (Goldgrub, 2008, p.76). O autor ainda reconhece neste tipo de atuação uma correspondência com o modelo adotado pelas ciências médicas, bem como uma prática contrária à atribuição de sentido:

A palavra análise merece especial atenção; sua função talvez seja a de prover o psicanalista de um “objeto concreto”, que poderia ser “examinado”, e que faria as vezes dessas outras análises costumeiramente pedidas pelo médico: sangue, urina, fezes... Há bons motivos para suspeitar que a conhecida influência do modelo médico sobre a psicanálise seja ainda maior do que se tem reconhecido. Não nos dedicaremos, contudo, a indagar pelas raízes teóricas do enfoque conteudístico. O interesse reside em argumentar convincentemente acerca da oposição entre os conceitos de análise e interpretação (Goldgrub, 2008, p. 69).

E ainda:

a análise, cujo objeto é tal ou qual conteúdo do discurso, tem por finalidade estabelecer a etiologia do sintoma ou da queixa, enquanto a interpretação, cujo objeto é o discurso, visa unicamente o sentido. Postular incompatibilidade entre análise de conteúdo e interpretação implica em fazer outro tanto no que se refere à relação entre causa e sentido, atitudes que promovem práticas clínicas opostas (Goldgrub, 2008, p. 69).

Goldgrub (2008) defende que a pesquisa pela causa dos sintomas a partir da análise de conteúdo deve ser útil, única e exclusivamente, para o desenvolvimento da teoria psicanalítica sobre o sujeito, mas de forma alguma para o trabalho clínico. Este, por sua vez, deve ter como objetivo a busca pelo sentido, a partir do discurso em si, e não de seu conteúdo. Portanto, o objeto de atenção do psicanalista clínico seria o discurso em si, para encontrar seu sentido subjacente, e não o conteúdo do discurso,

na busca por uma causa dos comportamentos descritos ou atuados em análise.

Neste aspecto, o autor acrescenta que a busca do sentido deve ater-se apenas àquilo que é singular ao discurso, dispensando qualquer interferência da teoria sobre o sujeito. Radical, o autor afirma ainda que o discurso deve ser “descolado” da pessoa que o profere, prevenindo assim que a interpretação seja atravessada por possíveis julgamentos ou generalizações que viriam a partir de características pessoais do paciente e a priori ao discurso, como gênero, idade, vestimentas, etc.

Goldgrub (2008) ressalta ainda que a interpretação deve se restringir ao discurso de cada sessão, ao menos que fosse o próprio analisando quem retomasse os conteúdos dos encontros anteriores. Isso porque, do contrário, a interpretação poderia ser novamente submetida à teoria – aquela desenvolvida pelo psicanalista a respeito do caso em questão. Em última instância, não haveria diferença em escutar um paciente pela primeira vez ou após anos de análise.

Por fim, o autor destaca que a divergência de concepções (análise de conteúdo *versus* aferição do sentido através das associações livres) é derivada de uma indefinição epistemológica no que diz respeito ao “estatuto do inconsciente”: seria sua origem biológica, social ou linguística? Essa questão será melhor desenvolvida na medida em que outros elementos entrarem em discussão no decorrer do presente trabalho.

## **2. A Transferência**

Mais tarde, ainda tratando da questão da interferência da teoria na clínica, Goldgrub (2008) se debruça sobre o tema da transferência. Ao retomar a obra freudiana, ele aponta o relato do caso Dora como um marco do desvio metodológico fundamentado no discurso, a partir da associação livre e da atenção flutuante, para o destaque da relação transferencial como principal material do trabalho analítico, entendendo como transferência a seguinte definição de Freud:

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico. Algumas dessas transferências em nada se diferenciam de seu modelo, no tocante ao conteúdo, senão por essa substituição (Freud, 1905, p. 109)

Segundo Goldgrub (2008), o que está por trás deste pensamento freudiano é a ideia de que por meio da transferência e da associação livre seria possível ter acesso ao “verdadeiro padrão afetivo” do analisando. Em última instância, Goldgrub concorda com Freud no sentido de valorizar a transferência como descoberta essencial para o desenvolvimento da teoria psicanalítica sobre o sujeito. Porém, para Goldgrub o equívoco residiria no fato de privilegiar esse conteúdo sobre outros elementos do discurso que apareceriam durante uma sessão de análise.

Segundo Goldgrub (2008), este raciocínio estaria pautado numa lógica causal, isto é, o modo como a relação paciente-analista se dá permitiria desvendar um padrão construído nas primeiras relações afetivas (da criança com as figuras parentais), e, com isso, se encontraria a verdadeira causa dos conflitos. No entanto, este seria um trabalho impossível, uma vez que a “verdade” não pode ser acessada, pois o relato do paciente já estaria enviesado por uma série de sentidos atribuídos aos conteúdos de sua fala.

Outra questão problematizada pelo autor é a arbitrariedade (e, portanto, falta de rigor em termos metodológicos) na qual a análise da transferência corre o risco de cair, uma vez que se baseia naquilo que é provocado no analista:

não é improvável que essa atitude clínica seja o reflexo das expectativas inconscientes do psicanalista em relação ao paciente. Seja como for, a pergunta pela intenção inconsciente subjacente à comunicação dirigida ao psicanalista só poderia ser respondida a partir de dois referenciais: a própria teoria psicanalítica ou os sentimentos despertados pela fala em questão. Os freudianos ortodoxos escolhem a primeira alternativa e os kleinianos a segunda. Nesta última, o psicanalista investiga a intenção subjacente à fala do paciente com um instrumento bastante suspeito – os próprios sentimentos. Alega-se que o risco da *contaminação* é minimizado pela autoclave da análise pessoal e/ou da supervisão (Goldgrub, 2008, p. 60).

Mais uma vez, Goldgrub questiona o processo de formação do psicanalista, ponderando a importância da análise pessoal (e da supervisão) frente à falta de consenso metodológico.

Em seguida, o autor propõe que o método fundamentado na associação livre e na atenção flutuante não privilegia, por definição, nenhum conteúdo específico. Em “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, Freud (1912) discorre sobre este aspecto do método:

assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas ou inclinações. Isto, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe (Freud, 1912, p.129).

No trecho acima destacado, Freud nos atenta para o risco de, ao permitir a interferência da teoria na prática clínica, não descobriremos nada além daquilo que é conhecido – ou seja, o que já foi desenvolvido pela teoria do sujeito. Como afirma Goldgrub (2008): “Para Freud, a palavra “seleção” é totalmente suspeita de um ‘estar à espreita’ a serviço da emboscada teórica” (p.43).

Assim, a transferência deveria ser lida como parte do discurso do paciente, dando lugar aos sentimentos em relação ao analista como qualquer outro conteúdo da fala, isto é, como parte da soma de associações pronunciadas em uma sessão.

Esta estratégia poderia ser descrita como a interpretação *da* transferência (ou seja, do discurso que a manifesta), como procedimento contrário à interpretação *na* transferência.

Goldgrub (2008) expõe ainda que, desde o caso Dora, a psicanálise contemporânea ainda não solucionou o impasse da oscilação, por parte dos psicanalistas, entre interpretar ou ocupar a função de “vigilante” da transferência.

Por fim, o autor entende que a tentativa de antecipar a presença de sentimentos transferenciais e neles se sustentar como um dado de realidade referente à relação do analisando com suas figuras parentais, não passa de uma espécie de conforto teórico frente ao imprevisível da clínica:

há bons motivos para suspeitar que a promoção da transferência a principal objeto da clínica – operação teórico-metodológica que merecia ser denominada hipertrofia da transferência – tem por finalidade amenizar a insegurança gerada no psicanalista pela areia movediça da fantasia (Goldgrub, 2008, p. 71-72).

Concluindo, o autor afirma que Freud propõe, afinal, que “observações e hipóteses ganham em isenção quando livres de viseiras teóricas” (Goldgrub, 2008, p. 43). Pode-se dizer que esta colocação contém um rigor não só metodológico, mas, em última análise, ético - postura essa sempre marcada na obra (e, conseqüentemente, na prática clínica) do autor.

### 3. O Discurso

Em relação ao discurso, Goldgrub (2008) retoma a formulação freudiana desenvolvida em “A Interpretação dos Sonhos” em relação aos dois níveis nos quais o conteúdo do sonho (ou melhor, seu relato) se estrutura: uma parte manifesta, que seria de ordem consciente, e outra latente, de ordem pré-consciente, sendo a censura responsável pela separação entre os níveis consciente e inconsciente.

A teoria anterior foi desenvolvida por Freud a partir de suas descobertas a respeito do processo de formação dos conteúdos oníricos. O autor se deu conta de que o sonho, além de possuir um conteúdo manifesto e outro latente, ao mesmo tempo passa por um processo chamado de *elaboração onírica*, através do qual quatro operações (deslocamento, condensação, figurabilidade e elaboração secundária) “trabalham” para que o sonho fique aparentemente ininteligível ou minimamente confuso, isto é, mais distante da consciência. As associações livres e a atenção flutuante permitiriam que o sonho pudesse ser melhor compreendido e então interpretado. Porém, diferentemente do que fez em relação à regra fundamental, Freud não formulou teoricamente como se daria o ato interpretativo, isto é, a passagem da significação (consciente) ao sentido (inconsciente), além de não ter compreendido que a descoberta dos dois níveis do conteúdo do sonho deveria se expandir, na realidade, para uma teoria sobre a linguagem, uma vez que a interpretação do sonho nada mais é do que a interpretação do relato do sonho, ou seja, do discurso (Goldgrub, 2008). Como afirmou Lacan em “A instância da letra no inconsciente...”

pois, na análise do sonho, Freud não pretende dar-nos outra coisa senão as leis do inconsciente em sua extensão mais geral (...) a eficiência do inconsciente não se detém no despertar. A experiência psicanalítica não é outra coisa senão o estabelecer que o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora de seu campo (Lacan citado por Goldgrub, 1957/ 2008, p. 57).

A respeito das operações oníricas, Goldgrub (2009) destaca duas delas para pensar sobre a linguagem: o deslocamento e a condensação. O autor explica as definições freudianas para os dois conceitos: o deslocamento poderia ser caracterizado como a operação que torna o sonho quase incompreensível, uma vez

que, por ação da censura, os conteúdos que aparecem no sonho são, aparentemente, irrelevantes ou banais na vida do sonhador, além de parecerem não fazer sentido entre si. Já a condensação foi descrita como a operação que transforma uma longa cadeia de pensamentos latentes (pré-conscientes) em elementos mínimos (algumas imagens), que estão relacionados indiretamente com o sentido do sonho.

Goldgrub (2008) prossegue descrevendo que, em sua revisão da obra freudiana, Lacan propôs a transposição de diversos conceitos psicanalíticos para o campo da linguística, na tentativa de libertar a psicanálise dos moldes organicistas das ciências naturais dos quais Freud não pôde se livrar. Dentro dessa lógica, o psicanalista francês redefine dois dos conceitos das operações oníricas: o deslocamento, como correspondente à metonímia, e a condensação como metáfora. Para Lacan, a metonímia promove as condições de possibilidade para que a metáfora seja responsável pela produção de sentido.

Lacan empresta conceitos de Ferdinand Saussure para justificar suas reformulações a respeito das operações oníricas acima citadas. Segundo Goldgrub (2008):

a justificativa para supor que todo sentido é metafórico deriva da concepção de Saussure acerca do eixo paradigmático. Para o linguista suíço os morfemas presentes nos enunciados constituem escolhas (sobre cujo grau de consciência ele não se manifesta) realizadas no estoque lexical do tesouro da língua. Sinônimos, antônimos, parônimos e outros derivados constituiriam o campo associativo de cada signo (p. 58).

Portanto, Saussure descreve que há uma escolha individual (para a psicanálise, escolha inconsciente) pelas palavras usadas na construção de toda frase, dentro dos limites de repertório (tanto da língua quanto do falante). Além disso, a significação genérica das palavras é relativizada dependendo de cada frase, uma vez que, ao se relacionarem, os signos interferem na significação uns dos outros, segundo a teoria do valor saussuriana,:

os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. (...) A associação pode se

fundar também apenas na analogia dos significados (...) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas [significantes]. (...) uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra (Saussure, 2002, p.145-146).

Com isso, Goldgrub (2008) conclui apontando para a maior relevância do sentido em relação à significação, no ato discursivo. O autor retoma, ainda, a partir dos conceitos da linguística, a ideia de metáfora como responsável pela produção de sentido, elegendo o sonho como principal evidência desse processo:

no nível discursivo, a metáfora demonstra a presença do eixo paradigmático mais do que qualquer outra manifestação linguística, porque nela se percebe, nitidamente, a substituição. O sonho, por ser indisfarçadamente metafórico, favoreceu a formulação do método interpretativo – cuja característica principal é a de rastrear, através da substituição, o que foi substituído. As operações oníricas descritas por Freud retratam modalidades de substituição linguística. Assim, o conteúdo manifesto do sonho (significação consciente) conduz aos restos diurnos (significação pré-consciente) e na sequência – se a resistência puder ser superada – à lógica subjacente (sentido inconsciente) (Goldgrub, 2008, p. 59).

Goldgrub inverte a equivalência lacaniana entre os conceitos freudianos (deslocamento e condensação) e os conceitos da retórica (metáfora e metonímia), reconhecendo a correspondência entre eles, mas defendendo que, na realidade, a operação de condensação se aproxima mais da metonímia, uma vez que esta é definida como “a representação do todo pela parte e vice-versa”, enquanto o deslocamento parece ser “responsável pelo caráter enigmático do conteúdo manifesto”, sendo, portanto, efeito da censura:

a substituição de algo por meio de uma alusão constitui processo corrente também em nosso pensamento desperto, porém existe uma diferença. No pensamento desperto, a alusão deve ser inteiramente inteligível, e o substituto deve estar relacionado, no seu tema, com a coisa original que representa. (...) As alusões usadas para fins de deslocamento nos sonhos estão livres de ambas as restrições. (...) a censura de sonho só consegue seu objetivo quando consegue tornar impossível que se encontre o caminho desde a alusão até a coisa original (Freud citado por Goldgrub, 1916/2008, p.

61).

A partir dessa colocação de Freud, o autor argumenta que é nítido o paralelo entre os conceitos de metáfora e deslocamento, uma vez que o termo “alusão” poderia ser facilmente substituído por “metáfora”. Portanto, Goldgrub discorda de Lacan e propõe uma nova correlação entre os conceitos psicanalíticos e retóricos: para o autor, a condensação poderia ser relacionada à metonímia, enquanto o deslocamento estaria associado à metáfora.

Outra questão levantada pelo autor de “A Metáfora Opaca” é a diferença entre as concepções freudiana e lacaniana acerca do conceito de metáfora. Goldgrub (2008) afirma que, para Freud, os conteúdos manifesto e latente não têm entre si uma relação de equivalência, ou seja, não é sempre que um elemento manifesto está no lugar de outro latente; ao contrário, Freud afirma que existe uma relação de conjunto entre as duas camadas. Para Goldgrub (2008), o que Freud designou como “camadas” seriam, na verdade, dois “discursos”, um manifesto e outro latente. Já para Lacan, a definição de metáfora seria de “uma palavra por outra”, uma vez que o autor francês propõe a mesma conceituação tradicional da linguística de uma substituição termo a termo (ou locução a locução):

a centelha criadora da metáfora não jorra da apresentação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela jorra entre dois significantes dos quais um substitui o outro tomando-lhe o lugar na cadeia significante, o significante oculto permanecendo presente pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia (Goldgrub, 2008, p. 63).

Segundo Goldgrub (2008), Lacan se afasta da descoberta freudiana entre “a articulação conteúdo manifesto/ conteúdo latente como relação entre discursos” (p. 63). Acrescenta ainda que:

a divergência em questão se acentua em terreno metodológico, já que para Lacan o acesso ao inconsciente se dá através do significante, enquanto o processo freudiano percorre na contramão a trilha do deslocamento, mediante a leitura desmetaforizante do conteúdo manifesto – definido enquanto discurso (p. 63).

Portanto, Goldgrub defende que Lacan possuiria uma concepção não discursiva, o que constituiria um erro frente à descoberta freudiana, além da constatação de que não há frase ou significante sem discurso. Por outro lado, o autor não deixa de reconhecer, em nenhum momento de seu texto, as notáveis contribuições de Lacan, principalmente por ter se dado conta de que a teorização freudiana a respeito dos mecanismos de condensação e deslocamento não se limitam ao âmbito onírico, mas a toda a linguagem, isto é, ao campo discursivo (ao mesmo tempo que Freud não se deu conta deste fato).

Contudo, Goldgrub (2008) destaca a operação de figurabilidade (aquela que transforma o conteúdo onírico condensado em imagens que compõem o conteúdo manifesto do sonho) como sendo característica essencial da metáfora – a de “representar concretamente o que é da ordem do abstrato” (p. 64).

Ao ampliar essa noção para o campo da linguagem como um todo – e não apenas ao que diz respeito àquilo que compõe o universo onírico –, o psicanalista afirma que “todo discurso posto em ato, seja qual for seu conteúdo, concretiza, e portanto metaforiza, um sentido abstrato. Desse ponto de vista qualquer relato é tão figurado como o protagonizado pelas imagens oníricas” (Goldgrub, 2008, p. 64).

Com isso, o autor defende outra tese estruturante de seu argumento: a admissão de que o método interpretativo é adequado a todo tipo de discurso. Neste ponto, porém, o autor faz uma ressalva:

Se toda significância se apoia no deslocamento enigmático, cabe reconhecer que os enunciados metodológicos requerem um estatuto de exceção na medida em que testemunham a luta encarniçada que a busca de conhecimento trava com a subjetividade, ou seja, com o arcabouço metafórico do discurso. (...) Que a metodologia pode efetivamente alcançar algumas vitórias, mesmo se parciais, é atestado pela existência do discurso científico. A asserção vale também para a interpretação psicanalítica. ‘...se o sintoma é uma metáfora, não é uma metáfora o dizê-lo...’ (Goldgrub, 2008, p. 65).

Em seguida, o autor acrescenta dois conceitos de sua autoria, que nomeou por “metáfora transparente” e “metáfora opaca”. O primeiro deles pode ser definido como as “alusões inteligíveis” presentes em um discurso, utilizadas conscientemente. Para melhor ilustrar essas definições, Goldgrub (2008) se utiliza da prática clínica:

A condensação, pensada como metáfora transparente mas também metonímia, coincidirá com os primeiros enunciados que o analisando profere. No início da livre associação, não resta ao psicanalista senão entender literalmente o que está sendo dito, como aconteceria face ao relato de um sonho. À medida em que a fala prossegue os enunciados iniciais se adensam, permitindo a aferição da metáfora transparente singular – ou seja, a significação subjacente ao que em princípio não parecia ser senão pura comunicação. (...) [A metáfora transparente singular] pode ser entendida como a significação inerente ao âmbito pré-consciente, captada e depositada pela associação livre na superfície do conteúdo manifesto. (Goldgrub, 2008, p.67)

Ainda se referindo à situação clínica, Goldgrub (2008) afirma que, após a metáfora transparente (o momento inicial do relato), “o discurso atinge uma espécie de ‘ponto de saturação’, permitindo a aferição da metáfora opaca, agente do deslocamento, ou seja, da censura” (p. 67). Em última instância, a metáfora opaca seria “o próprio mecanismo da produção de sentido, o coração semântico da linguagem” (p. 63).

Para elucidar de forma mais clara a noção de metáfora transparente, Goldgrub utiliza o modelo da metáfora coloquial: “cada macaco em seu galho”, “a vaca foi pro brejo”, “fulano não dá ponto sem nó”, etc. (Goldgrub, 2008, p. 83). Essas expressões não são passíveis de compreensão do ponto de vista literal, e, portanto, seria necessário decifrá-las para ter acesso à sua real significação. As metáforas coloquiais, segundo o autor, se aproximam da definição lacaniana de metáfora: “uma palavra por outra” (p. 62).

A metáfora opaca, ao contrário, deve ser submetida à regra fundamental embasada por Freud (associação livre e atenção flutuante) para que seu sentido seja elucidado. Assim, através da interpretação, o psicanalista seria capaz de desmetaforizar o conteúdo deslocado, por meio do adensamento das associações do analisando.

Retomando a temática dos sonhos, Goldgrub (2008) aponta a importância da teorização do pai da psicanálise, afirmando que “nenhum outro fenômeno mostra tão evidentemente o caráter metafórico da linguagem” (p. 87), apesar de Freud não ter expandido essa descoberta para os outros conteúdos da vida de vigília:

Todo e qualquer tema desenvolvido em todo e qualquer conjunto de associações livres é metaforizado por condensação (substituição relativamente transparente) e deslocamento (substituição opaca), ou seja, de acordo com os mesmos mecanismos descobertos por Freud em relação à narrativa onírica (Goldgrub, 2008, p.86).

Em relação às operações oníricas, o autor define que o deslocamento se expressa como metáfora opaca, enquanto a metáfora transparente seria um mecanismo da condensação. Ambas as operações, portanto, seriam metafóricas (ainda que uma transparente e a outra opaca), uma vez que dependem da interpretação para que o sentido seja elucidado. Ao mesmo tempo, as associações livres teriam um caráter metonímico, uma vez que a explicitação de seu sentido seria parcial frente à suposta totalidade (identidade). Segundo Goldgrub (2008):

o discurso seria metonímico porque não possui a autonomia e abrangência às quais aspira (...), e seria metafórico porque aponta para um discurso subjacente, mais próximo da lógica inconsciente. Por ser metonímico, entende-se que o discurso de cada sessão apenas representa em alguma medida a totalidade discursiva inacessível; por ser metafórico, entende-se que interpretar não é senão desmetaforizar, ou seja, contrabandear, burlando a alfândega da censura, o discurso substituído (metaforizado) (p. 86).

Goldgrub (2008) dedica a Lacan o mérito da definição do sentido como efeito metafórico, independente de questionar a concepção lacaniana sobre o conceito de metáfora. Além disso, o autor reconhece a importância da formulação lacaniana de que “o inconsciente se estrutura como linguagem” (Goldgrub propõe retirar da afirmação o artigo definido “uma”), e ainda faz um ousado acréscimo ao sustentar que “a identidade está estruturada como discurso” (p. 67)

Finalmente, o autor conclui que a afirmação freudiana de que o sonho estaria “umbilicalmente ligado ao desconhecido” (p. 74) conduziria ao abandono da ideia de causalidade, uma vez que define como objeto da finalidade terapêutica o discurso, enquanto o método seria pautado na interpretação, ambos se contrapondo à noção busca pela origem dos conflitos (como exposto anteriormente). Segundo Goldgrub (2008), “para além do sentido, cerne do discurso, nada é possível saber – nem é necessário” (p. 74).

#### 4. A Interpretação

O trabalho da análise seria, então, debruçar-se sobre o conteúdo latente, que poderia ser acessado por meio das associações livres e da atenção flutuante, a fim de driblar a censura e encontrar o sentido subjacente à fala, que seria transmitido ao paciente pelo analista por meio da interpretação. Uma vez que, por conta do mecanismo metafórico, o discurso é cindido em significação (literal) e sentido (inconsciente), o procedimento interpretativo teria como objetivo encontrar “...o caminho desde a alusão até a coisa original” (Goldgrub, 2008, p. 62). Interpretar seria, portanto, acessar o sentido das metáforas que guiarão do discurso consciente ao inconsciente.

Contudo, não seria arriscado afirmar, em última instância, que haveria um consenso entre os psicanalistas de que o trabalho clínico consiste, fundamentalmente, em interpretar o discurso do paciente. Porém, segundo Goldgrub, o impasse residiria na falta de conformidade sobre a prática interpretativa, que seria mais uma consequência da falta de fundamentação sobre o método:

a afirmação pode surpreender, mas se *A Interpretação dos Sonhos* apresenta numerosos exemplos ilustrativos do método formado pelo par associação livre/atenção flutuante, é preciso reconhecer, por outro lado, que [...] apesar de algumas passagens em que Freud afirma que a interpretação de sonhos constitui o modelo do próprio método psicanalítico, a utilização do procedimento interpretativo em relação a conteúdos não oníricos, mesmo se eventualmente praticada, jamais foi teorizada e sequer tematizada” (Goldgrub, 2008, p. 27).

Revisitando as obras de Klein e Lacan, o autor aponta equívocos de ambos: uma por privilegiar a transferência, o outro por eleger o significante como principal elemento de atenção, ambos por descartarem o discurso como cerne da escuta. Goldgrub insiste na ideia de que as duas abordagens anteriores se distanciam do método proposto por Freud, uma vez que:

a atenção flutuante não elege qualquer tema em particular – por definição. (...) A regra é chamada fundamental porque propicia material para a interpretação. Transforma, por assim dizer, a palavra em texto apto a ser lido. Seu objetivo é abrir espaço para o *discurso*, no qual os sentimentos

transferenciais e o significante (principalmente via ato falho e repetições vocabulares) podem ter seu lugar, como aliás qualquer outro tema ou manifestação. Nem mais nem menos” (Goldgrub, 2008, p. 34).

A interpretação, portanto, seria um processo intrinsecamente discursivo. Como dito anteriormente, Goldgrub propõe que o objeto da interpretação é o discurso e não a pessoa que o profere. Isso porque, por um lado, o sujeito do discurso estaria isento de qualquer julgamento dirigido às suas características pessoais. Contudo, não é só por conta de um posicionamento ético que o autor defende essa ideia, mas, segundo ele, a própria teoria fundamenta este raciocínio.

Em “A Metáfora Opaca” (Goldgrub, 2008), o autor declara que em cada sessão psicanalítica o conjunto de associações livres cria uma metáfora específica, única àquele encontro. Para Goldgrub, a interpretação não procura a verdade nos enunciados, e sim o sentido subjacente a eles. Segundo o autor, “o conceito de verdade é genérico, aponta para a pessoa e frequentemente se reporta a uma suposta causa. Em oposição, o sentido é particular, jaz no discurso e faz caso omissivo da origem” (Goldgrub, 2008, p.44), o que implica dizer, por consequência, que a teoria do sujeito não ampara a prática clínica:

não seria pura ingenuidade pensar que se pode prescindir dela? A resposta que este livro pretende dar é que para poder prescindir da teoria do sujeito faz-se preciso o amparo de uma outra teoria, a do método interpretativo. Uma de cujas cláusulas fundamentais é precisamente essa: a teoria do sujeito não intervém na clínica (...)” (Goldgrub, 2008, p. 43).

Ainda assim, ao refletir sobre as considerações do autor a respeito da especificidade de cada sessão, seria natural se pensar, afinal, sobre a noção de repetição. Segundo a teoria de Goldgrub, o que seria repetido se refere ao conteúdo manifesto, e, como nenhum conteúdo específico merece atenção – apenas o discurso como um todo -, não seria de interesse ao trabalho clínico. Portanto, o alvo da escuta consistiria no conjunto específico de associações livres de cada sessão.

Resta-nos, contudo, questionar acerca da possível ocorrência de sessões equivalentes. Para o autor, é impossível que o discurso seja idêntico em diferentes sessões. Imaginando uma situação extrema, se o paciente decorasse um texto específico que fosse repetido em diversos encontros, o que conteria a metáfora a ser

interpretada seria justamente a repetição deliberada, e não seu conteúdo.

O pensamento do autor, portanto, traz novamente à tona a ideia de abandono da busca pela etiologia dos sintomas. Para Goldgrub, “subentende-se (...) que o acesso à causa seja totalmente irrelevante para a finalidade terapêutica – embora estejamos ainda muito longe de saber *como* a interpretação produz seus efeitos” (Goldgrub, 2008, p. 74).

se a palavra, proferida em registro interpretativo, é capaz de promover transformações (incluindo a erradicação de sintomas), então o conflito psicológico deve ser igualmente entendido, desse ponto de vista, como um fenômeno da linguagem. (...) Nessa perspectiva, o conceito ‘personalidade’ é redefinido como ‘discurso’; correspondentemente, ‘linguagem’ designaria um fenômeno não subordinado quer ao social, quer ao orgânico (Goldgrub citado por Moreira, 2010, p.6)

Considerando a metaforização uma propriedade da linguagem, e a linguagem, por sua vez, como condição *sine qua non* para a inscrição na cultura, pode-se entender a razão da premissa do autor de que se interpreta o discurso e não o sujeito. Para Goldgrub (2008), diferenciar as noções de discurso e pessoa é indispensável para o exercício do método interpretativo, e, conseqüentemente, para a aferição do sentido. Em última instância, se fosse possível acessar a totalidade do discurso, esta corresponderia ao sujeito, uma vez que “a identidade está estruturada como discurso” (p. 67). Como dito anteriormente, esse é o acréscimo que o autor faz à formulação lacaniana de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem.

## **5. O Édipo Estrutural**

Em síntese, Goldgrub (2008) defende que, em psicanálise, “a causa só pode ser concebida genericamente - e conseqüentemente seu valor clínico é nulo” (p. 22). Isso porque, segundo o autor, a própria teoria psicanalítica sobre o sujeito fala como cada fenômeno teorizado aparece de forma singular em cada sujeito – por conta da linguagem, e, portanto, do sentido atribuído por cada um aos marcos e percursos da própria história de vida. Considerando a teoria do Complexo de Édipo em seu sentido amplo – estrutural -, ou seja, como a passagem da posição de objeto (de desejo do outro) para a posição de sujeito (faltante), a partir da aquisição da linguagem, pode-se dizer que este processo acontece de forma totalmente singular para cada indivíduo, uma vez que cada um estabelece relação única com o objeto do próprio desejo (não apenas sexual), uma vez que essa passagem – da posição de objeto de desejo do outro para a posição de sujeito desejante – nunca se dá da mesma forma. Nas palavras do autor:

A definição que apresenta a identificação como processo de assemelhar-se a modelos oferecidos por adultos pode ser vantajosamente substituída pela descrição que faz da identificação o mecanismo graças ao qual se dá a construção de uma forma singular de relação com a falta (Goldgrub, 2013, p.112).

Portanto, a teoria psicanalítica a respeito do sujeito fundamenta a teoria do método defendida por Goldgrub, uma vez que a primeira corrobora a singularidade do processo de entrada na linguagem para cada sujeito. Assim, o método clínico psicanalítico deveria limitar-se à interpretação como sendo a atribuição de um sentido dado pelo analista à fala do paciente, a partir da atenção flutuante do primeiro e das associações livres do segundo.

Por último, cabe ressaltar que em “A Metáfora Opaca” Goldgrub expande a ideia de discurso para outras formas de produção humana, como por exemplo as obras de arte. Para o autor, é possível interpretar outros tipos de enunciação que não apenas aquelas produzidas no contexto clínico, como por exemplo relatos mitológicos, textos literários e obras artísticas em geral, uma vez que contêm em si a “estrutura metafórica do discurso” (Goldgrub, 2008, p.14) - desde que, naturalmente, haja o

compromisso ético necessário para o exercício de tal atividade -, confirmando mais uma vez a dispensabilidade da transferência para a utilização do ato (o autor usa o termo “atitude”) interpretativo.

## **6. Exercício clínico: interpretação do filme “Dente Canino”**

O longa metragem “Dente Canino” (*Kynodontas*, 2009, resenha em anexo 1), dentre outros realizados no mesmo período, chamou a atenção da mídia por diversas razões: em primeiro lugar, por se tratar de um filme produzido logo após a eclosão de uma grave crise econômica na Grécia, que teve como resultado diversas produções semelhantes ao longa-metragem em questão no que tange à originalidade e à ousadia criativa. O cinema grego, talvez pela primeira vez, se destacou tanto em termos de qualidade como de quantidade: vários diretores do país passaram a ser reconhecidos como nomes promissores no ramo. O sucesso dessa nova onda de produções inovadoras foi atribuído, em grande medida, às escassas consequências positivas dentre tantos malefícios advindos da crise – a reflexão crítica sobre a própria nação.

A reação a “Dente Canino” não foi diferente. Em 2009, indicado a melhor filme estrangeiro no Oscar e vencedor do prêmio “*Un Certain Regard*” (mostra paralela à seleção oficial do Festival de Cannes), o longa foi aclamado pela crítica não só como uma bela metáfora da crise grega, mas também por seu caráter inovador: bastante incômodo, *Kynodontas* é um filme do qual não é possível sair ileso – pelo contrário, se há alguma unanimidade de opiniões à respeito da trama, provavelmente o adjetivo mais utilizado para descrevê-la seria “perturbador”.

De forma bastante peculiar, a trama conta a história de uma família composta por pai, mãe e três filhos (duas mulheres e um homem), todos adultos. Porém, além de nunca ter sido permitido às “crianças” (como são referidos pelos pais) que saíssem de casa – uma bela propriedade, por sinal – o contato com o mundo externo sempre lhes foi negado. Criados numa situação de completo isolamento e alienação, os filhos nunca ultrapassaram os muros da casa, bem como (quase) nada que viesse de fora cruzou os limites da residência.

A primeira cena do filme já dá o tom do que vem a seguir: as novas palavras introduzidas ao vocabulário das “crianças” dizem respeito a elementos do ambiente externo (ou que permitem a comunicação com ele), mas que ganham novos significados, sempre associados àquilo que faz parte da limitada realidade familiar: “mar” é uma cadeira, como a da sala de estar; “estrada” é um vento muito forte;

“excursão”, um material usado para fazer pisos. Em outro momento, durante um jantar, a filha mais velha se refere ao saleiro como “telefone”. O pai, única personagem que se ausenta do convívio familiar (e, portanto, da casa) para ir trabalhar, retira todos os rótulos dos produtos que compra para o lar. O aparelho telefônico é escondido dos filhos e tem como única função promover a comunicação da mãe com o pai, nos momentos em que ele está no trabalho. Os únicos vídeos assistidos pela família são aqueles onde eles próprios são os protagonistas. As músicas que escutam de Frank Sinatra (uma das cenas cômicas do filme, aliás) são cantadas, na verdade, pelo avô das “crianças”, e traduzidas pelo pai da seguinte forma: “o papai nos ama. A mamãe nos ama. Amo meus irmãos porque eles também me amam. Meus pais estão orgulhosos de mim porque faço o melhor que posso. (...) Minha casa, você é linda e eu te amo. E nunca, nunca vou te deixar”. O que foge ao controle dos pais, como os aviões sobrevoando a propriedade, também acaba sendo por eles manipulado: no fundo, a mensagem transmitida aos filhos é de que aquilo que voa, cai – isto é, aquilo que se afasta não tem outro destino que não o fracasso.

A tentativa dos pais de blindagem em relação ao mundo externo atravessa também o âmbito da relação sexual: após Christina quebrar sua confiança, o pai decide manter tudo em família – inclusive o sexo incestuoso. Os filhos então ficam alienados não só no discurso parental: não parece existir atração física ou desejo no ato sexual; pelo contrário, transar torna-se mais uma obrigação de cumprir aquilo que é exigido pelo pai.

Ao longo da trama, porém, o discurso dos pais vai se evidenciando como cheio de boas intenções em relação aos filhos, apesar da extrema violência que perpassa as relações a todo momento – um dos elementos mais perturbadores do filme, aliás. Na discussão com Christina, ao agredi-la com o aparelho de vídeo, o pai roga a ela a pior das pragas: seu desejo de que ela tenha filhos que sofram péssimos estímulos e se tornem maus. A crença rousseauiana do pai parte da premissa de que o mundo externo à família os corromperá.

É interessante pensar até que ponto os filhos foram ou não introduzidos na cultura. Por um lado, adquiriram linguagem, por mais escassos que sejam seu repertório vocabular e sua dimensão simbólica. A falta de nomes das personagens (inclusive dos pais) nos dão mais um indício do limite tênue no qual a família transita

entre o humano e o animalesco. Na cena em que o pai vai ao local de adestramento de cães, seu diálogo com o treinador é bem ilustrativo sobre o lugar que o chefe da família ocupa. O treinador diz: “Um cão é como barro. Nosso trabalho aqui é moldá-lo. Um cão pode ser dinâmico, agressivo, um lutador, covarde ou afetivo. (...) Você quer um animal de estimação, um amigo, uma companhia? Ou um guardião, que respeita seu mestre e obedece às suas ordens?” Seguindo as palavras de Maquiavel, o pai parece preferir ser temido ao invés de amado, tanto pelo cachorro como pela família. Porém, na cena seguinte, ele visita “Rex” (o único que tem nome além de Christina). Com muito bom humor, o filme dá indícios sobre a possibilidade de fracasso na batalha pela hegemonia paterna: o animal não esboça qualquer reação frente à sua furiosa imposição de autoridade.

Que batalha é essa, afinal? Pode-se concluir que o inimigo a ser combatido é a sociedade, as relações extrafamiliares, a cultura. Por mais que o pai faça parte do mundo externo, nada é trazido consigo para dentro de casa – ou melhor, o mínimo possível. Já Christina, outra representante da cultura, subverte a regra paterna e desperta na filha mais velha (e, em menor grau, também nos outros dois filhos) a suspeita que abre a porta à inalienação.

Mesmo sendo vago, o final aponta para a primazia da cultura. Por maiores que sejam os esforços do(s) pai(s), a cultura, a humanidade, se impõem (pode-se pensar que, mesmo se a personagem de Christina não existisse, eventualmente a filha mais velha poderia seguir pistas como o telefone usado pela mãe ou os filmes pornográficos até descobrir - ou inventar? - seu caminho para o mundo externo).

Todo o exposto até aqui constitui apenas as metáforas transparentes do filme. Talvez a principal delas seja a seguinte: o pai ama os filhos incondicionalmente. Por isso, quer protegê-los de todos os perigos, mesmo que, para isso, eles tenham que sofrer de sua extrema violência e serem isolados da cultura. O pai tem atitudes absurdas que tomam rumos catastróficos, mas o faz por amor. O quanto se pode prejudicar o outro, retirando inclusive sua liberdade, mesmo que em nome do amor?

Porém, pode-se ir além. É possível aferir ainda o sentido opaco presente no conteúdo transparente: O pai aprisiona os filhos e a mulher, utiliza-se da mais inescrupulosa violência física e simbólica – isolar os filhos e a esposa da cultura – em nome de que? Para ser amado por eles incondicionalmente. O objetivo do isolamento

da família não é protegê-los; ao contrário, é aprisioná-los, para que a única figura, tanto de temor quanto de amor, seja o pai.

Segundo Goldgrub (2008),

a percepção de que a fala veicula indiretamente significações abstratas parciais (metáforas transparentes) costuma preceder a aferição do seu sentido mais abrangente e profundo (metáfora opaca). O sentido é plenamente equiparável ao que Freud descreveu, referindo-se ao sonho, como desejo (p. 145).

Nesse sentido, entendendo o filme como discurso, pode-se dizer que o desejo do pai de ser amado incondicionalmente esteve camuflado como uma dedicação aos filhos digna de amor incondicional. Não entraremos aqui no mérito ético do limite entre as condutas admissíveis ou não perante à lei ou à moral – contudo, novamente remetendo a Maquiavel, tanto nas metáforas transparentes como na opaca parece sempre estar por trás a ideia de que “os fins justificam os meios”.

Retomemos então àquilo que era posto de início: o fato de a crítica ter compreendido o filme como uma metáfora da crise na Grécia. O diretor Alexandros Avranas, conterrâneo de Lanthimos, declarou em entrevista à Folha de S. Paulo: “A família na Grécia serve para falar sobre a sociedade. Podemos olhar para a família com uma lupa e encontrar os problemas sociais. Tudo está muito cruel e o cinema grego não fazia nada. Isso está mudando”. Fazendo um paralelo com a metáfora opaca presente em “Dente Canino”, pode-se dizer que, de alguma forma, a Grécia estaria para os filhos assim como o capitalismo estaria para o pai. Análoga ao filme, a crise evidencia a encruzilhada com a qual a Grécia se depara: “ame-o (o capitalismo), e não ouse deixá-lo”. Não se pode prever quais seriam as consequências de se libertar do sistema, mas as chances de sucesso, assim como o destino da filha mais velha, seriam mínimas.

Cabe reforçar que essa conclusão – de que a metáfora opaca do filme faria alusão à relação da Grécia com o capitalismo -, não tem validade metodológica, uma vez que não provém do discurso presente na produção de Lanthimos. Seriam meras associações livres, como nos advertiu o diretor: “*If I wanted to talk about politics or social problems, I’d become a writer*” (Se eu quisesse falar sobre política ou problemas sociais, me tornaria um escritor).

## Considerações Finais

O que é, afinal, interpretar? Como aprender a fazê-lo? Lembro-me que, durante uma aula ministrada pelo professor Franklin Goldgrub, essas foram questões que me despertaram o desejo de explorar a temática – e, portanto, motivaram a realização do presente trabalho.

Goldgrub define a interpretação fazendo uma analogia com uma terceira dimensão que poderia ser vista apenas se o foco do olhar não estivesse direcionado a nada específico, como no livro “Olho Mágico” (1999), no qual as ilustrações psicodélicas contêm uma figura oculta, que aparece depois de alguns segundos de observação da imagem. A comparação é interessante justamente pelo fato de que o surgimento da imagem oculta – ou da interpretação – depende do afrouxamento do foco, assim como a defesa do argumento de Goldgrub de que, para o sentido ser revelado, é necessário que nada seja selecionado em detrimento do conjunto do discurso (MOREIRA, 2010).

Ainda sobre a interpretação, o autor coloca a necessidade de não haver intenção em encontrar o sentido. Tarefa, sem dúvida, desafiadora, ainda mais somada ao fato de que a interpretação surgiria do próprio discurso e não do paciente. Este apenas seria capaz de enxergá-lo e devolvê-lo ao sujeito:

O paciente causa a interpretação e o analista não tem o que fazer a não ser deixar que o paciente governe a sessão. E não é só através da associação livre que ele faz isso, mas ele obriga que a atenção flutuante siga o curso da associação livre. (...) Se o analista se deixar conduzir pelo paciente, a associação livre causará esse efeito. (Goldgrub citado por Moreira, 2010, p.53)

Goldgrub define o analista como um “sacerdote da escuta” (Moreira, 2010, p. 54), colocado a serviço da interpretação. Seu trabalho seria, portanto, manter-se em atenção flutuante, na medida que, só assim, o sentido poderia surgir. Nesse raciocínio, não seria possível “aprender” a interpretar, uma vez que a interpretação não é uma criação do analista. Deve-se, apenas, estar disponível – é provavelmente nesse sentido que o autor defina que interpretar não é senão uma atitude.

Outro conteúdo que também parece central na obra de Goldgrub é a questão do estatuto do inconsciente. Pode-se dizer que o autor se distancia de Freud também

por conta das influências médicas que o pai da psicanálise sofreu e das quais não pôde se livrar. Em última instância, a prática discutida anteriormente no presente trabalho sobre a “análise de conteúdo” estaria imbricada nessa discussão, uma vez que se liga à ideia de busca por sintomas. Como dito anteriormente, o autor justifica a questão metodológica como fruto da indefinição epistemológica sobre o inconsciente. Lacan, o próprio Freud e Goldgrub nos dão indícios sobre possíveis rumos dessa discussão. O fato de sermos seres da linguagem nos dá a carta de alforria em relação ao determinismo biológico, uma vez que a pulsão se difere do instinto no sentido de não responder à ordem da natureza animal. Por estar diretamente relacionada à falta, a pulsão confere liberdade a todos os direcionamentos possíveis do desejo – já que, como argumenta Goldgrub, a forma com que cada sujeito se relaciona com a falta é completamente singular.

Ainda em relação à análise de conteúdo versus a aferição de sentido, Goldgrub retoma seu precursor ao declarar que em “A Interpretação dos Sonhos” Freud definiu, mesmo formulando de outra maneira - talvez não tão conclusiva como a de Goldgrub -, o discurso como objeto e a interpretação como método. Segundo o autor, isso legitimaria o triunfo da aferição de sentido sobre a análise de conteúdo, pois descarta a possibilidade de verificação da etiologia dos sintomas. Outra ideia que corrobora essa visão é a afirmação de Freud a respeito da ligação do sonho ao desconhecido. Estaria essa questão ligada ao mistério que ainda é explicar como a interpretação produz seus efeitos (mesmo sendo absolutamente seguro afirmar que, quando assertiva, a interpretação no mínimo diminui o grau de conflito e, no máximo, erradica sintomas)? Ainda, seria possível dizer que essas questões ainda não respondidas nos incomodam tanto por falar diretamente sobre nossa falta?

Mais uma vez, não é possível responder. Porém, o que se pode garantir é que tanto o olhar de Goldgrub sobre a teoria do sujeito quanto sua fundamentação metodológica dizem respeito a algo em comum: a primazia da singularidade.

A abominação ao determinismo etiológico e a legitimação da particularidade idiossincrática foi o que primeiramente me saltou aos olhos na teoria de Franklin Goldgrub. É ainda mais interessante pensar que o respeito à singularidade não surge apenas por uma escolha de caráter ético-moral, mas também por um embasamento calcado na própria teoria psicanalítica.

A respeito do discurso, Goldgrub, bastante categórico, vai além da formulação lacaniana de que o inconsciente se estrutura como (uma) linguagem e argumenta em defesa da afirmação de que a identidade está estruturada como discurso, este sendo reconhecido pelo seu caráter metafórico. De fato, o raciocínio teórico é coeso e não contém em si nenhuma contradição. Porém, seria interessante refletir acerca da influência do vínculo no processo analítico.

O autor defende a ideia de que cada sessão deve se encerrar em si própria, na medida em que não existe qualquer tipo de repetição ou padrão metafórico. Nesse sentido, como dito anteriormente, atender um paciente pela primeira vez ou após anos seria equivalente. Se, de fato, a extensão da análise em nada interferiria no percurso da aferição do sentido, seria atribuído ao psicanalista apenas a função interpretativa? Em última instância, em que aspectos, para além da interpretação, a relação analista-paciente poderia ser terapêutica? O presente trabalho não abarca tais respostas uma vez que a temática em questão diz respeito à seara da teoria do método, porém, podem ser questionamentos propulsores a futuras investigações.

Contudo, algo pode ser dito no que concerne aos resultados do trabalho clínico. Goldgrub afirma que a consciência representaria o grau de liberdade do sujeito frente a seus conflitos (MOREIRA, 2010). Portanto, a consequência da desmetaforização seria a diminuição do aspecto conflitivo para aumentar o grau de liberdade. Na mesma lógica, o caminho para a atenuação do conflito consistiria numa maior aceitação perante a falta: “o aumento do grau de aceitação da falta é a consequência esperada de uma interpretação que efetivamente capte o sentido subjacente à significação”. O sentido, por sua vez, invariavelmente aponta para direções diferentes daquelas imaginadas a priori. Dessa forma, as mais profundas convicções poderiam ser desconstruídas, revelando novas possibilidades até então desconhecidas. No fundo, um maior grau de aceitação da falta nada mais é do que “a compreensão de que é possível viver com uma certa dose de incerteza” (Moreira, 2010, p. 51).

Por fim, cabe relatar brevemente a respeito do processo de maturação do presente trabalho. O professor Franklin Goldgrub, quando consultado sobre a possibilidade de prestar auxílio na interpretação do filme “Dente Canino”, mostrou-se, generosamente, muito disponível ao diálogo. Contudo, por motivos de saúde, não foi possível que ele me acompanhasse nesse processo. Cogitei desistir do exercício interpretativo, mas acabei optando por me aventurar nesse desafio. Assim, não pude

ter garantias a respeito da precisão da interpretação. De qualquer forma, a realização do trabalho foi extremamente enriquecedora. É incontestável que Franklin Goldgrub nos ensina brilhantemente acerca da teoria psicanalítica, mas é a humildade por detrás de uma ética primorosa que subjaz em seus textos, aulas e entrevistas que constitui, indubitavelmente, seu maior legado.

Lembro-me de uma afirmação de Goldgrub a respeito de seu ofício, interessante tanto por reafirmar o lugar da singularidade, quanto por enunciar o prazer relacionado à ocupação profissional: “De uma coisa o analista não teria do que se queixar: o trabalho clínico pode ser tudo, menos entediante...”

## Referências Bibliográficas

DENTE CANINO. Direção de Giorgos Lanthimos. Boo Productions. Atenas, Grécia, 2009. DVD (92 min), NTSC, son., color.

FREUD, S. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 614p.

FREUD, S. (1905). *Pós-escrito do caso Dora*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1969.

FREUD, S. (1912). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOLDGRUB, F. *A Metáfora Opaca*. São Paulo: Editora Samizdat, 2008. 264p.

GOLDGRUB, F. *Sargaços: Teoria do método e Teoria do sujeito em Psicanálise*. São Paulo: Editora Samizdat, 2013. 245p.

GOLDGRUB, F. Os sonhos: Comentários sobre três textos de S. Freud acerca dos sonhos. Disponível em: <<http://franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2009/06/sonhos-comentarios-sobre-freud1.pdf>> Acesso em: 05 de maio 2014.

JENKINS, David. Giorgos Lanthimos on 'Dogtooth'. Disponível em: <<http://www.timeout.com/london/film/giorgos-lanthimos-on-dogtooth-1>>. Acesso em: 28 de maio 2014.

LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MOREIRA, E. A. *A clínica psicanalítica de Franklin Goldgrub e sua articulação com Freud e Lacan*. 2010. 58p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

OLHO Mágico, V.1. Editora Martins Fontes. 1999. 36p.

SALEM, Rodrigo. Filhos da crise, novos diretores da Grécia apresentam um cinema ousado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/10/1358071->

filhos-da-crise-novos-diretores-da-grecia-apresentam-um-cinema-ousado.shtml>.

Acesso em: 28 de maio 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. 279p.

SILVA, M. Resenha de filme: Dente Canino. Disponível em:

<<http://www.cinemadetalhado.com.br/2013/07/resenha-de-filme-dente-canino.html>>.

Acesso em: 01 de junho 2014.

## Anexos

### **1. Resenha do filme “Dente Canino”, por Marcelo Silva** (texto extraído do site “Cinema Detalhado”)

Certos filmes – como a produção grega, indicada ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 2011, Dente Canino, e objeto de resenha em questão - procuram infringir sensações intensas e distintas ao espectador. Primeiro parecer levantar uma bandeira facilmente de ser repudiada, para depois a contornar com apontamentos que poderiam ser comuns a qualquer pessoa. É quando o público tateia fora da sua zona de conforto e vê seus anseios e preocupações refletidos e levados aos extremos em uma caminhada quase sempre no fino limite da sanidade mental. O controverso cineasta austríaco Michael Haneke é um exemplo que se notabilizou por usar de tais abordagens em seus trabalhos. Realização que procure ser um ensaio contundente sobre preceitos de sociedade e comportamento humano arrisca receber interpretações positivas e negativas. Mas antes das adjetivações, talvez o pior que possa acontecer é causar indiferença. Se causou, é porque o processo falhou.

Não é o caso de Dente Canino. Ainda que o espectador não se sinta extremamente “mexido” pela curiosa trama que monta um sistema patriarcal doentio em uma família grega de classe média alta, difícil não tirar algumas considerações válidas do microcosmo construído pelo diretor Yorgos Lanthimos. Se eu fosse um ensaísta melhor, desses que admiro, até ousaria escrever um texto pontuado por analogias políticas. Pois o Pai (Christos Stergioglu) é o tipo de líder que dita o que acha ser o melhor para o seu povo. Não existe diálogo que o convença do contrário. Subverte as problemáticas a seu favor, usando-as como justificativas para atitudes hediondas. Manipula informações e cria as suas próprias verdades. Dono de uma retórica afiada, convence pela fala e dentro daquela casa – a sua nação -, sua vontade é a lei máxima. Talvez as semelhanças percebidas com as idéias fascistas, nazistas, não sejam apenas meras coincidências. Mas enfim, não vou delirar muito e procurarei me ater ao que o filme oferece em uma primeira instância.

Enveredando por esse caminho mais assertivo, também se pode dizer que Dente Canino critica a forma como os filhos são criados no mundo moderno. O excesso de zelo que encolhe à vontade da prole em alçar voos maiores. Não a toa o avião surge como um simbolismo. Claro que aqui tudo é elevado a potência máxima

e mira um hiper-realismo hiperbólico e distópico que por vezes encontra o humor como última etapa. Seriam os estímulos advindos de filmes violentos ou sensualizados um perigo para nossas crianças? Será que protege-las a todo custo é o caminho? Quando é que a procura pelo bem-estar delas deixa de ser uma preocupação e passa a ser uma obsessão, um problema mental? É o que parece ter acometido o Pai em algum momento de sua trajetória, o único a deixar a residência da família para enfrentar o mundo. Dentro dela, ficam a Mãe (Michelle Valey), mulher resignada pelas escolhas do marido, e os três filhos – A Mais Velha (Aggeliki Papoulia), A Mais Nova (Mary Tsoni) e o Filho (Christos Passalis) -, adultos que agem como crianças.

Em nenhum momento a narrativa de Dente Canino revela fatos do passado de ambos, mas pelas atitudes, se pode concluir que a trinca de irmãos nunca colocou os pés para fora de casa. Afinal, segundo o Pai, um filho só pode sair de casa quando seu dente canino cair. Usando ainda de simbolismos para minar a curiosidade dos filhos – o gato como um animal assassino, o quintal que protege de qualquer mal, as palavras que ganham sentidos diferentes -, o Pai estimula jogos – alguns de viés sádico – para entreter e adestrar os rebentos. Quando digo adestrar, é no sentido literal da palavra. O Pai faz com que tanto os filhos quanto a Mãe se façam de cachorros, em uma reverência máxima a sua autoridade. Enquanto as garotas mantêm seu caráter infantil se digladiando com os instintos sexuais, seja pelas roupas ou mesmo pelas atitudes, o patriarcado é reforçado com a entrada da jovem Christina (Anna Kalaitzidou), mulher que o Pai traz para fazer sexo com o Filho. Aceitando inicialmente as condições impostas para frequentar a casa, não demora que ela passe a ser fator desestabilizador da estranha harmonia institucionalizada.

Claro que para um filme tão improvável como Dente Canino fazer a audiência comprar sua premissa débil, é necessário que o elenco esteja alinhado com a proposta. Se não, pode calhar de tudo parecer uma grande paródia. Aqui é importante ressaltar que as atuações são elaboradas com afinco, talhadas no gestual, principalmente os filhos com suas atitudes infantis, em brigas infundáveis que normalmente culminam em violência física. Se os três atores entregam personagens que elevam a irritação do público para com suas ações, vale destacar que Aggeliki Papoulia é a mais interessante e se posiciona um patamar acima. Apesar de não ser

uma protagonista evidente, a sua Mãe Velha ancora com eficiência boa parte da trama e ainda impulsiona as principais cenas. Enquanto o Pai, figura central, é um personagem deveras unidimensional e a atração pela sua trajetória é apenas parcial. Como afirmei em algum momento do texto, Dente Canino é uma obra que rende interpretações, se pode ficar matutando dias e ainda assim não conseguir formar uma opinião definitiva.

## 2. Relato de sessão psicanalítica e interpretação de Franklin Goldgrub (“A Metáfora Opaca”, 2008, p. 154-158)

### Mariella

*É um verdadeiro esconderijo! Você arrumou um verdadeiro esconderijo. Você não sabe como foi difícil encontrar a rua. Acho que passei umas três vezes até perceber... e olha que eu já conhecia o lugar. Imagina se não conhecesse. Mas quando achei, veja só, vi que tinha perdido o código da porta. Aí percebi que estava sem celular e não lembrava se a casa tinha campainha... Nem desci do carro, voltei pra casa pra pegar o celular. Aí atrasei de vez. No outro consultório não tinha campainha, né? Era pra não fazer barulho? Vocês têm a mania do silêncio. Aí voltei pra pegar o celular, e é por isso que liguei pra dizer que ia me atrasar.*

*Pra dizer a verdade, detesto tocar campainha. Acho que é coisa de vendedor, ou de mendigo. Aliás, qual é a diferença?*

*Na verdade tenho só meia hora, vim só pra você não pensar que eu desisti. Na terça-feira não deu pra avisar que não ia dar. Na sexta-feira eu telefonei, achei que você iria retornar para saber o que estava acontecendo, mas você não deu a mínima bola... Não encontrei nenhum recado na secretária, pelo menos. Vim só para te avisar que não desisti, que você pode contar comigo; vim dar uma esquentadinha no seu divã, que está precisando.*

*Mas o esconderijo não é ruim, é duro de achar mas não é ruim. Quando estava entrando pensei que era uma vagina, agora estou sentindo que é um útero. Não sei bem porque estou dizendo isso. Não tem nada a ver, parece esse simbolismo rastaquera que a gente vê nos filmes de psicanálise. Parece que é um personagem que tá falando. Será que estou aqui? que é que estou fazendo aqui? quando eu vinha pensava: que é que vou fazer lá? Que é que vou dizer?*

*Ontem caí no poço de novo. É uma gíria nossa, não sei se você conhece. Muito pó, e absinto. Conhece absinto? Da belle époque, veja só. No Riverside a gente, de tanto remexer nos anos 60, 50, 40, em busca de inspiração, acaba achando de tudo. Reciclagem. Você pega na lata de lixo da história e põe na moda de novo. Sou especialista nisso. Tudo que passou volta. A moda é o eterno retorno. A moda tinha saído de moda mas está de moda de novo.*

*No trabalho a coisa continua do mesmo jeito, mas de vez em quando tem umas*

*urgências, por isso faltei na sessão de sexta. Quando o Jumbo pede eu vou que nem uma cadelinha mansa. Às vezes nem precisa falar, eu vejo o desespero dele. E nem é pelo dinheiro, que muitas vezes ele não paga o trabalho extra. Só tem a promessa de uma participação. Se eu ganhasse por promessa de participação... o pior é que ele sabe disso, que eu não me incomodo.*

*Dei uma pisada feia. O Jumbo contratou um rapaz para fazer o elenco. Ele já recebeu de cara o apelido de Conde Drácula. O rosto dele assusta. Mais branco que bunda de escandinavo lavada a omo. Aliás, ele é homo, acho, não sei. O pessoal tinha me avisado: “Não adianta dar encima...” Se eles soubessem da minha abstinência total desde que o Quirino se desapaixonou... Cada vez é mais difícil achar um apaixonado total. E sem paixão eu me fecho em copas. Acho que homem não se apaixona mais. Deve ter uma vacina contra paixão na praça. Aliás, agora parece que tou mudando de time. Será?*

*Mas o convite foi dele, sempre dele. A gente ia trabalhar os atores da campanha da Quaterno no estúdio do Brooklin, que dá para fazer as tomadas externas. No caminho tinha uma estalagem, sempre tem uma estalagem no meio do caminho. Aí, já viu. Uísque na plateia, pó no reservado... o Conde parecia um aspirador. Entendi a branquice desse moço. Naqueles canos não tem mais sangue. Ou não é mais vermelho.*

*Em suma, não chegamos ao estúdio. Fomos para minha casa. Não pense que aconteceu alguma coisa, você já sabe que nunca acontece. Eu tinha uma ponte de estoque e ele estava muito afim. Uísque e pó. Aposto que ele não tem aspirador. Não precisa, tem uma potência no naso que limpa qualquer ambiente com uma fungada. Eu gosto de ver um cara desesperado assim atrás da farinha. Mais me divirto olhando que cheirando, você sabe. Também dou minhas cheiradas, mas é mais pra tramar: bem mais que uma, aliás. É por isso que estou aqui, não é?*

*Vou parar com isso de uma vez. O Jumbo ficou possesso. E caiu pra cima de mim. Todo mundo bebe, todo mundo cheira, mas fui eu, justo eu, que desencaminhei o Conde Drácula, veja só... Essa é boa. Acho que dei a mancada pro Jumbo saber que eu não estou morrendo de amores pelo trabalho, pra mim tanto faz. Acho que acostumei ele mal. Se quiser me mandar embora, tudo bem. Mas ele não é besta. Sabe que uma tonta como eu não tá sobrando no mercado.*

*Nem estou ganhando pra isso. A grana já foi bem melhor, no tempo do Otto*

*Fischer, rolava muita. Todo mundo fez um pé de meia, menos eu. Pra dizer a verdade, nem me importo. Dia e noite no estúdio, nas locações. Agora, é de vez em quando, mas quando é, o ritmo é igual. Por menos da metade. O Jumbo sabe que pode contar comigo. Todo mundo pode. É só dar um aceno e a mula de carga vai correndo. Não entendo. Preciso ser mais esperta.*

*Na verdade, eu é que estou afim de largar o emprego. O emprego e tudo. Principalmente o pó, o absinto. Um é pra aguentar o outro e eu já não aguento mais nada. Mas vou te dizer o que mais me chateia: acho que estou indo pra Lesbos. Só penso em mulher o dia inteiro, será que meu negócio é esse? Já pensou todo mundo comentando: a Mari mudou de número... o pior é que não é com ninguém, não é que eu esteja apaixonada por alguém, é só uma coisa mental. O dia inteiro fica voltando a imagem de um corpo feminino, a roupa de baixo, mas não sei quem é. Não tem rosto. E logo depois ouço minha própria voz tirando uma da minha cara.*

*Tenho a impressão que esse tipo de ideia começou a aparecer depois de uma noitada no Elza's. Não sei como fui parar lá, aliás, a gente tinha saído para comemorar o fim da campanha do Liguessaúde. Quando eu fui ao banheiro vi um beijo super apaixonado, como a gente não vê nem no cinema. E eram duas meninas... acho que fiquei com inveja...*

*A cara que vem é a do meu avô. Mas não se assusta, não. Não é pra transar. É pra condenar. Um italianão de Salerno. Pra quem mulher só era boa depois do sexto parto. Já pensou? E depois disso eu fantasio com um estupro, desses bem horríveis... Não entendo... às vezes acho que você já tem uma guia de internação preenchida em meu nome, prontinha pra usar, com medicação e tudo. Dose maciça. Da próxima vez que eu faltar você me manda buscar em casa com uma camisa de força. Mais última moda, da Versace. Pena que psicólogo não interna, é uma pena...*

*Mas eu ia sentir falta daqui, do útero. Aliás, hoje, quando deitei, me senti anestesiada como numa noitada daquelas.*

Interpretação:

Achar o novo consultório é difícil, mesmo que não se trate de uma rua desconhecida. Tocar a campainha, um esforço (“qual a diferença entre um vendedor e um mendigo?”). É o psicanalista que precisa da sua presença, não o contrário. (“Na verdade tenho só meia hora, vim só pra você não pensar que eu desisti. (...) que você

*pode contar comigo; vim dar uma esquentadinha no seu divã, que está precisando*”).

É preciso que o outro deseje (“...sem paixão me fecho em copas”). Há um prazer em testemunhar o desejo no outro (“*Eu gosto de ver um cara desesperado assim atrás da farinha*”). Basta que o outro peça, ou nem isso, que dê a entender. (“*O Jumbo sabe que pode contar comigo. Todo mundo pode. É só dar um aceno e a mula de carga vai correndo. Não entendo. Preciso ser mais esperta*”).

Bebida e cocaína não servem à fruição pessoal mas são estimulantes destinados ao trabalho, ou seja, servem à intenção de preencher as expectativas alheias. (“*Também dou minhas cheiradas, mas é mais pra tramar; bem mais que uma, aliás. É por isso que estou aqui, não é?*”). A motivação do trabalho não é o dinheiro. (“*A grana já foi bem melhor, no tempo do Otto Fischer, rolava muita. Todo mundo fez um pé de meia menos eu. Pra dizer a verdade, nem me importo. Dia e noite no estúdio, nas locações. Agora, é de vez em quando mas, quando é, o ritmo é igual. Por menos da metade*”).

Algo feito em nome próprio, como a análise, é deixado de lado para atender a quem esteja precisando muito. Surge novamente a menção ao “desespero” do outro como especialmente prazeroso, motivador. (“*No trabalho a coisa continua do mesmo jeito, mas de vez em quando tem umas urgências, por isso faltei na sessão de sexta. Quando o Jumbo pede eu vou que nem uma cadelinha mansa. Às vezes nem precisa falar, eu vejo o desespero dele*”).

O caminho para Lesbos é pavimentado pela ideia de que os homens não se envolvem mais. O que o Conde Drácula quer é cocaína, não se interessa por sexo ou amor. Para Mariella, porém, a paixão é tudo. O desejo de ser desejada pelo homem, seja como for, se manifesta pela fantasia do estupro.

No início da sessão, o repúdio da análise – dificuldade em tocar a campainha, que lembra “vendedor”, que lembra “mendigo”. Quem deseja análise está mendigando. (“*Será que estou aqui? Que é que estou fazendo aqui? Quando eu vinha pensava: que é que vou fazer lá? Que é que vou dizer?*”). Situação que é invertida quando o analista é visto como aquele que deseja a análise (...“*esquentadinha no divã*”).

Na sequência é mencionada a intenção de abandonar as drogas, o álcool – essa seria a função da análise. Livrar-se do desejo de servir (desesperadamente) o desejo do outro. (“*Na verdade, eu é que estou a fim de largar o emprego. O emprego*”).

*e tudo. Principalmente o pó, o absinto. Um é pra aguentar o outro e eu já não aguento mais nada”).*

A vontade de servir ao outro aparece como o pior dos desejos. A psicanálise seria o instrumento para livrar-se disso (álcool, cocaína, mulher, estupro).

Através das metáforas transparentes o sentido se desenha como luta contra o desejo, seja qual for. É preciso ser totalmente desejada e não desejar absolutamente. Para aceder a esse estado, paradoxalmente, é preciso desejar (recorrer à psicanálise). Depois do primeiro momento especialmente difícil (buscar o consultório, acionar a campainha, chamar pelo telefone), o consultório, que mudou de lugar, exacerbando a sensação de “precisar”, passa a conotar receptividade. A situação psicanalítica, de desejada (portanto inaceitável), passa a desejante (acolhedora, uterina).